

Artivismo, Enclaves, Nós, Temporários, 2013, Pixo e Punks: Uma conversa com Comum¹

Entrevista concedida a Bernardo Neves
e Felipe Soares

Onde estética e política se confundem?

Se depender do nosso interlocutor, em todos os lugares. Para a conversa da Revista Indisciplinar nº4, recebemos o artista plástico, formado pela Escola de Belas Artes da UFMG, artista de rua, designer gráfico, produtor, rapper, pixador: Comum. Ansioso por ativar politicamente a paisagem, Comum transforma a matéria sensível em apresentação a si da comunidade², uma arte para se reconhecer e ao mesmo tempo se perder na especificidade da urbanidade genérica do Cidadão Comum. Cercados de violência e vandalismo, os temas ideologicamente posicionados de seu trabalho debatem a ação policial, as articulações entre o Estado e a exploração capital e a marginalidade, além de apontarem para competências pouco acessadas, moradores de rua, anarquismo punk, povos ameríndios e toda uma miríade de identificações amorfas nas quais se solveu o proletariado pós-industrial. Antes de tudo, uma conversa sobre afetos, formas de fazer perceber e criar memórias coletivas, não no campo da história, mas no da estética.

Alertamos que esta entrevista esteve repleta de homenagens e citações às diversas pessoas que juntas participaram ativamente das histórias e processo que atravessaram este debate, mas, a fim de preservar a privacidade e segurança de todos, nenhum nome foi publicado. Quem é sabe!

Esta conversa aconteceu no dia 11 de junho de 2017, entre Comum, Felipe Soares e Bernardo Neves, no bairro Santa Tereza, Belo Horizonte, MG.

[1] [facebook.com/umcomum](https://www.facebook.com/umcomum)

[flickr.com/photos/comum](https://www.flickr.com/photos/comum/)

[soundcloud.com/comum](https://www.soundcloud.com/comum)

[2] Jacques Rancière, no livro *A partilha do sensível* (2009) p. 67.



[Fig. 01] Anti Graf.
Foto: Comum.
Fonte: flickr.com/photos/comum

[3] ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/abandone-o-ativismo.pdf

[4] Raciocínio desenvolvido nos livros Primeiro como tragédia, depois como farsa (2011) e O ano em que sonhamos perigosamente (2012).

[5] criptadjan.com

Artivismo

Comum: Hoje mesmo eu li esse termo num Instagram, achei estranho, sabe? Na descrição do perfil dizia assim: fotógrafa, designer, artista, e tal... fica estranho como um rótulo. Vocês conhecem aquele texto, *Abandone o ativismo*^[3]? É um texto controverso, de um ex- militante de Seattle. O argumento do autor é de que a partir do momento em que você se coloca neste lugar ativista, você passa a assumir a postura de um revolucionário, mas pra que você vai servir depois da revolução? Nessa perspectiva, o lugar do ativista fica engessado...

Indisciplinar: O Zizek explora bem essa noção com o termo *dia depois*^[4]. Ele argumenta que o núcleo duro de uma ideologia é exatamente um discurso não-ideológico, ou seja, se for executada uma revolução, se hoje forem 'tomados os meios de produção', o que vai acontecer nesse dia seguinte, qual outra ideologia surgirá da noite para o dia? Ou permaneceremos com o mesmo arsenal ideológico? Ao que tudo indica, não se cria uma nova ideologia apenas com um 'discurso não-ideológico'.

Comum: Pois é, essa falta de horizontes e de imaginação política é uma das marcas centrais do nosso tempo, não temos mais utopias. Na pior das hipóteses, abraça-se o sarcasmo como modo de vida.

Indisciplinar: Retomando o artivismo, tem um mini-documentário com uma entrevista com o marchand do Cripta Djan^[5], passou no Arte 1, na qual ele conta como chegou nessa aposta na pixação como expressão artística dentro do mercado de arte. Esse marchand pesquisou por cinco anos nas principais galerias do mundo, e chegou à conclusão de que o que estava em alta era o artivismo. A partir daí ele saiu à procura do artivismo de 3º mundo, uma vez que os artivismos europeus e estadunidenses já estavam muito bem definidos. E chegou no Djan, que é um pixador que tinha um dialogo mais político e de enfrentamento mais claro...

Comum: Que é quem estava preparado para travar esse diálogo naquele momento.

Indisciplinar: Exatamente. É um material interessante para observar a assimilação do ativismo pelo mercado da arte.

Comum: Isso tem a ver com a repercussão do Banksy⁶, que é quem faz isso com um discurso mais arredondado, talvez. Já a pixação é mais visceral, é um movimento que não tem uma elaboração teórica tão profunda, mas que ao mesmo tempo é super-potente.

Indisciplinar: A publicidade vem sofrendo alterações parecidas que também tendem ao ativismo⁷, isso é flagrante em vários comerciais, como na última propaganda da Sko⁸, que lançou uma série de latinhas de cerveja com tons de pele, a propaganda basicamente consiste de imagens de pessoas de etnias diversas segurando as latas, migrando da lógica da imagem do corpo feminino idealizado, erotizado e vinculado ao consumo, para uma lógica do ativismo indenitário: “*um brinde à diversidade*”. Esse desvio também é muito evidente nas temáticas das séries da Netflix.

Em outra chave, a arte de rua e ativismo também usam a publicidade como ‘suporte-propaganda’ pra produzir efeito publicitário, vocês já fizeram isso com as propagandas de pontos de ônibus, não é?

Enclaves

Comum: Isso foi com o Enclaves. O Enclaves originalmente fazia parte da programação do Gato Negro⁹, que era o centro de anti-cultura anarquista com uma programação ativista, veganista e anarquista, a sede era no Edifício Maletta, na sala onde há pouco

[6] banksy.co.uk

[7] elcoyote.org/sexo-nao-vende-mais-ativismo-vende-e-as-marcas-sabem-disso

[8] youtube.com/watch?v=mQx_VmC-Qu5w

[9] Atualmente o Gato Negro se organiza em torno da pauta vegana: facebook.com/gatonegrovegano

[10] facebook.com/4vinte5

[11] adbusters.org

[12] facebook.com/dr-ncortes

[13] Teaser da Exposição Enclaves: youtube.com/watch?v=E6-Ni-SO9iYo

[14] youtube.com/watch?v=czGqLn9Wupw

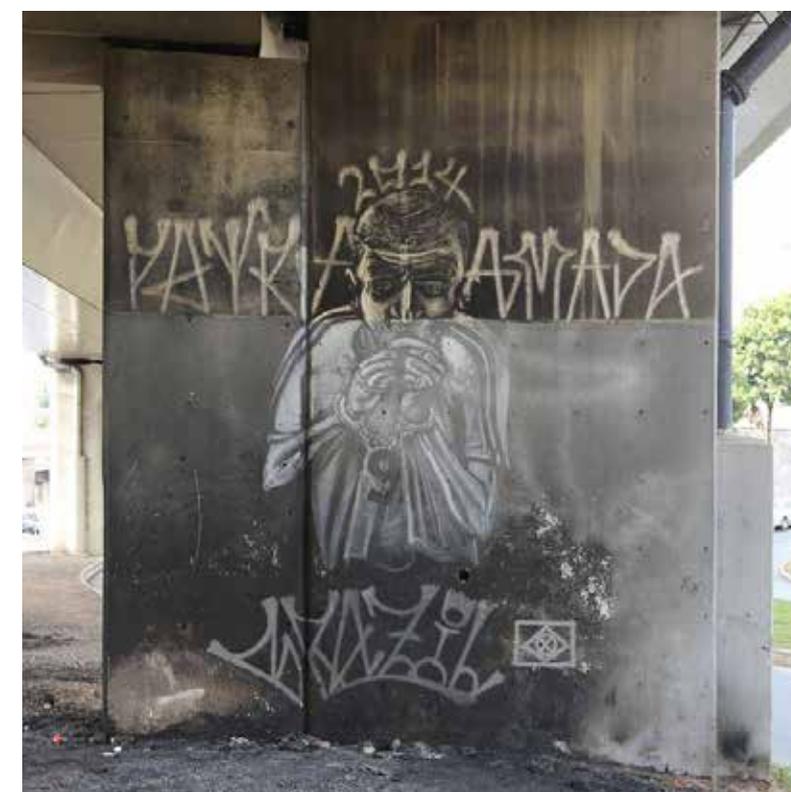
[Fig. 02] Drin + Comum.
Foto: Comum.
Fonte: facebook.com/umcomum

tempo foi a loja do 4e25¹⁰. Um sábado por mês aconteciam os encontros do Enclaves. O grupo debatia sobre a rua, assistíamos filmes, vários vídeos do Adbuster¹¹, aconteciam os debates e depois íamos para a rua. Era um grupo vandal, tinha uma galera do bomb, do grafite...

Indisciplinar: Muito lambe-lambe...

Comum: Muito lambe, foi a época do *boom* do lambe-lambe, do sticker. Isso foi em 2004.

Dez anos depois, em 2014 eu e o Drin¹² refizemos o Enclaves como uma exposição¹³, no Espaço Ystilingue¹⁴, lá no Maletta, com uma programação que dialogava com o Enclaves original, e foi nessa exposição que fizemos esse trabalho que alterava as publicidades dos pontos de ônibus. As publicidades eram retiradas dos pontos, e quando acumulamos umas vinte ou mais fizemos uma oficina coletiva com umas dez pessoas, que





consistia justamente em alterar as mensagens dos banners e voltar com eles para os pontos de ônibus. Foi o Enclaves quem trouxe para BH esse diálogo entre arte de rua e a publicidade e propaganda.

Indisciplinar: No Nós, Temporários, vocês também fizeram algo parecido usando placas de trânsito, como com o *PARE Andrea Neves*.

Nós, Temporários¹⁵

Comum: O Nós, Temporários nasceu em 2013, nas manifestações, a partir da experiência com aquele bandeirão, o *Unfair Players*:

[15] facebook.com/Nós-Temporários-505720246182481 youtube.com/channel/UCyDowtiZ29hX-kCS-9PdFVcw

[Fig. 03] Produção do Bandeirão (14x7m).
Foto: Nós, Temporários.
Fonte: <https://goo.gl/NUhfnZ>

FIFA, Police, Anastasia. Depois de uma assembleia, a galera se reuniu e fez o bandeirão, claro que não foi tão simples assim! (Risos). A intenção era atingir a mídia internacional, até por isso ele era em inglês. Foi algo muito espontâneo, nesse momento o Nós ainda não existia. Eu participei da segunda produção de bandeirões, que foram o *Fora Clésio Andrade* e o *CPI do Ônibus*.

Nesse contexto, nos inscrevemos num edital para um festival em Brasília, para dar uma *Oficina de Bandeirão*. Quando chegamos lá, estava tendo uma manifestação gigante, era Sete de Setembro de 2013, nós levamos o bandeirão *Unfair Players* e, obviamente, decidimos abrir em frente ao Congresso. Aquele bandeirão era um acontecimento, inclusive ele rodou bastante, chegou a viajar sozinho pra ser aberto em outras cidades. Boa parte da força do Nós, Temporários estava concentrada nos bandeirões.

E aí aconteceu um episódio que foi totalmente circunstancial: no meio do caminho rumo ao Congresso havia uma barreira policial que estabeleceu uma linha e ordenou que dali não poderíamos passar, e ali ficamos, obedecemos estritamente às regras e abrimos o bandeirão lá mesmo, começamos a filmar e de repente a polícia jogou o spray de pimenta na cara da galera. Todos começaram a tossir, aquela bosta toda, e quem estava filmando, com muita sagacidade, jogou a câmera no policial e perguntou: “*Capitão Bruno, a gente não ultrapassou o limite que o senhor impôs, e mesmo assim o senhor agrediu a gente com o gás, por quê?*”, e o capitão respondeu: “*Por que eu quis*!”. Publicamos isso no Youtube e o vídeo¹⁶ rapidamente se tornou um viral. No dia seguinte pela manhã a CBN já estava comentando o caso. Esse acontecimento potencializou demais a nossa presença em Brasília.

[16] [youtube.com/watch?v=qKMEej-ptoE](https://www.youtube.com/watch?v=qKMEej-ptoE)

[17] grupoempreza.com

Nesse mesmo festival conhecemos o Grupo EmpreZa¹⁷, um grupo de performance muito forte e muito político, mas sem

ser panfletário, com um trabalho pautado nos limites do corpo. Rolou uma afinidade entre os grupos e rapidamente começamos a trabalhar juntos. A partir da experiência com o vídeo do Capitão Bruno, pegamos um procedimento do Grupo EmpreZa que era trabalhar com sangue, eles tinham todo o know-how com enfermagem e tudo, fomos a um ateliê na UnB, coletamos sangue de todo mundo, e com um procedimento que era nosso, pintamos um bandeirão com os dizeres *PORQUE EU QUIS*. Na verdade, só o “EU” foi pintado com esse sangue. Fizemos um vídeo^[18] e esse bandeirão foi instalado numa rodovia em Brasília.

Um ano depois, em junho de 2014, durante a Copa do Mundo, fomos convidados para uma residência artística do Grupo EmpreZa no Rio de Janeiro, eles estavam fazendo uma retrospectiva dos 13 anos do grupo^[19], naquela pérola da gentrificação, que é o Porto Maravilha. A retrospectiva foi no MAR^[20], na época o Museu do Amanhã ainda estava em construção.

Era um contexto superestranho, pois estávamos no Rio, no MAR – esse nome, que é uma homenagem à família Marinho –, com grana do museu, durante a Copa, e a convite do EmpreZa para fazer uma ação política. Era um contexto muito favorável, mas ao mesmo tempo, muito delicado, tudo era potencialmente uma armadilha. Estávamos a convite do EmpreZa e não podíamos vacilar com eles.

O Grupo EmpreZa tinha duas galerias no MAR, uma era a retrospectiva propriamente dita, com o acervo deles em exposição, e a outra era um espaço experimental onde aconteciam as performances. As paredes dessa segunda sala eram brancas, e ao longo da exposição as pessoas iam intervindo e rabiscando, e ela ia ficando toda pixada. Nossa primeira ação foi pintar a contraforma de branco, deixando as letras pixadas, com os dizeres *MAR DE PEIXE GRANDE*, que era uma alusão aos

[18] [youtube.com/watch?v=hDyVhpzXwgU](https://www.youtube.com/watch?v=hDyVhpzXwgU)

[19] grupoempreza.com/eucomovoce

[20] museudeartedorio.org.br/pt-br/exposicoes/anteriores?exp=1080



[Fig. 04] Mar de Peixe Grande (11m x 3 m), Nós, Temporários na exposição-residência ‘Eu como você’. Foto: Nós, Temporários. Fonte: <https://goo.gl/NUhfnZ>

Marinho, e ao fato de estarmos naquele museu. Isso nos levou a um embate com o diretor do museu, Paulo Herkenhoff, que quis esclarecimentos sobre a nossa intervenção. Ele subestimou completamente o que estávamos propondo ali, chegou a insinuar em algum momento da conversa que éramos agitação e propaganda do PSTU. E isso trouxe questões para o grupo. Apesar de estarmos a convite do EmpreZa, éramos um grupo de midiativismo em um espaço de arte...

Essa experiência do MAR foi a mais desafiadora pra nós, tínhamos que nos reinventar o tempo inteiro, porque de alguma forma estávamos ali fazendo uma panfletagem, trazendo questões políticas que estavam reverberando desde as Jornadas de Junho, e não necessariamente questões do campo da arte, mas ao mesmo tempo tínhamos a retaguarda do museu...

Indisciplinar: Mas o bandeirão no MAR estava previamente acordado com o museu?

Comum: Não. Nós levamos o bandeirão, inclusive, lá nós mudamos o bandeirão de *Unfair Players: FIFA, Police, Anastasia* para *Unfair Players: FIFA, Police, Ourselves*. Essa seria a nossa grande ação: abrir o bandeirão lá. E abrimos na tora. Os seguranças manjaram a nossa movimentação subindo pro último andar com aquele tecido enorme, teve um clima tenso, e em um determinado momento gritamos: *perdeu!*, o bandeirão já estava ancorado e abrimos na fachada²¹. Os seguranças quiseram recolher, nós

[21] [youtube.com/watch?v=xsDIWxQ_Dj0](https://www.youtube.com/watch?v=xsDIWxQ_Dj0)

resistimos, mas foi uma ação rápida, ele deve ter ficado lá uns 15 minutos.

Depois disso, nós debatemos, assumimos nosso lugar de contradição e chegamos a um conceito que orientou a nossa última ação, que foi o *Parte de um Plano Maior*, com a qual participamos do *Serão Performático: Como Chama*²². Estes *Serões Performáticos* eram um conjunto de performances temáticas que aconteceram semanalmente ao longo da retrospectiva do EmpreZa, cada *Serão* uma tinha um convidado externo, este *Serão* específico, em que o Nós foi o convidado tinha como temática o fogo. O EmpreZa executou suas performances, umas inéditas, outras do acervo deles, e incluímos algumas performances nossas, uma delas foi a distribuição de coquetéis molotov com o rótulo que produzimos com os dizeres *Parte de um Plano Maior*. Parte da performance era uma linha de montagem desses coquetéis molotov, o combustível era a água da Baía de Guanabara.

E essa passagem pelo Rio foi a experiência derradeira do Nós, Temporários. Esse nome já fala por si, o grupo se assumiu como um coletivo de ocasião, tudo foi muito circunstancial, primeiro o bandeirão, depois Brasília, depois o Rio...

Indisciplinar: 2013 e 2014 foram muito assim, as coisas iam acontecendo de forma atropelada. Mas, se o Nós, Temporários surgiu nesse contexto, e em alguma medida, com a função de dar conta dos diálogos de 2013 e 2014, faz sentido que ele tenha acabado junto com o ciclo das Jornadas.

Comum: Sim, depois até tentamos emplacar outros editais, mas a coisa foi deixando de fazer sentido. Acho importante frisar que esse primeiro bandeirão, o *Unfair Players: FIFA, Police, Anastasia*, foi produzido no contexto da Ocupação da Câmara, antes da existência do Nós, Temporários, por uma galera que

[22] [youtube.com/watch?v=XFTyvX6jBGM](https://www.youtube.com/watch?v=XFTyvX6jBGM)

[Fig. 05] Bandeirão no Museu de Arte do Rio. Foto: Nós, Temporários. Fonte: <https://goo.gl/NUhfnZ>



já estava envolvida com a arte e ativismo, ativismo, ou melhor: midiativismo. Acho que este terceiro termo é o mais adequado. A conceituação do Nós no campo da arte foi muito complicada, o coletivo se encaixava melhor à noção de midiativismo...

Indisciplinar: Curioso que, quando penso em midiativismo sempre me vêm em mente coletivos como o Mídia Ninja ou o Maria Objetiva²³...

Comum: Isso é o que poderíamos chamar de mídia independente, é o que o CMI²⁴ se propunha desde sempre, são coberturas aos modos da grande mídia, mas com outras narrativas. O que o Nós desenvolvia eram dispositivos de mídia, mais do que dispositivos de arte, por isso mídiativismo e não ativismo.

Indisciplinar: Há um campo comum entre todas essas coisas, arte de rua e publicidade se confundem...

Comum: Sim, tem um lambe do coletivo Culundria Armado²⁵, o *Masturbe seu Urso*, e um sticker dessa mesma galera, o *Poesia em Pele de Propaganda*, que representam muito bem essa potência de comunicar e afetar que é própria da propaganda.

2013

Indisciplinar: No Indisciplinar debatemos muito sobre as relações entre as Jornadas de Junho e o golpe, fazemos a leitura de que Junho de 2013 já era 'o ovo da serpente', e são diversas as especulações sobre o assunto. Como é que você avalia, vê alguma relação, já era 'parte de um plano maior'?

Comum: Interessante isso, porque a gente pode ter sido meio messiânico naquele momento. Se por um lado faz sentido o Nós, Temporários ter acabado junto com as Jornadas, também faria sentido ele ter voltado com essa história de golpe, né? Rolaram algumas tentativas, mas nada se concretizou. Eu acho que o Nós

[23] flickr.com/photos/mariaobjetiva

[24] midiaindependente.org

[25] flickr.com/photos/culundria



[Fig. 06] 26 de junho de 2013.

Foto: Fernando Henrique de Oliveira.
Fonte: <https://goo.gl/NUhfnZ>

não ter voltado no contexto do golpe reflete um desnorreamento que é geral. Naquela época tínhamos um inimigo definido: *FIFA, polícia, Anastasia*. Claro que não se resume a isso, mas tínhamos para quem direcionar nossa insatisfação, e de repente chegou um contexto em que, é claro que é golpe, mas ficamos todos sem entender nada no meio de um tiroteio.

Indisciplinar: Uma coisa muito intrigante de 2013, que circulava e que já não circula mais – não saberia explicar como ou por que –, era uma certa energia que mobilizava as pessoas, uma vontade de fazer algo, de fazer junto, mobilizando inclusive pessoas com ideologias e comportamentos muito distintos. Isso era absolutamente surreal! Aquela multidão que ia junta, a pé, dias e dias seguidos do centro à UFMG. E o pessoal que estava na linha de frente, dentre eles, vários pixadores, trocando porrada com a polícia...

Comum: Eu lembro que o Pavor estava apavorando na linha de frente! A favela também estava presente...

Indisciplinar: Torcidas organizadas...

Comum: Agora a favela já não desce mais pra manifestação nenhuma. Inclusive isso me lembrou de uma manifestação que eu tive que tirar o Pig do meio de uma confusão, porque a galera da favela estava querendo dar porrada em quem estivesse com bandeira, e o Pig era da Consulta Popular e do Levante Popular da Juventude e estava com uma bandeira, os caras já trocando no soco, e o Pig tentando dialogar... E não dá para saber se essa galera estava fazendo isso por livre e espontânea vontade ou se estava rolando uma grana por ali... Pra mim, 2013 e 2014 foi o desencanto total porque não passou de uma grande confusão. Tiveram vários momentos estranhos naquelas manifestações. Essa coisa de não poder levantar bandeiras, vários figuras estranhas que pareciam muito serem p2. Teve um episódio

em que eu fui pixar as palavras de ordem que estavam sendo gritadas por aquele coletivo que marchava junto na rua, e fui agredido por manifestantes que queriam me entregar para a polícia, tive que correr demais para não apanhar. Estávamos ali, lado a lado com fascistas, tinha, uns apanhando da polícia e outros tirando foto com ela. Tinha muita energia, mas não tinha organização.

Indisciplinar: E o que sobrou de 2013 foram os verde-e-amarelos.

Pixo

Indisciplinar: Acho que podemos migrar para o pixo. Não que o pixo possa ser entendido como uma forma de ativismo, mas ao mesmo tempo tem todo um conjunto de pontos comuns, como a dimensão desejanste do 'eu vou fazer por que eu estou afim'...

[Fig. 07] Paz, Justiça e Liberdade. GG P.E.
Foto: Comum.
Fonte: facebook.com/umcomum



Comum: A melhor imagem disso é o Pavor na linha de frente, um dos maiores pixadores de BH que já não está mais na ativa. Trata-se justamente dessa energia, ele queria quebrar o sistema, mas não tinha um alvo preciso. E o pixo é esse vandalismo gratuito mesmo, é essa potência, essa energia. A diferença é que o direcionamento do pixo é estético. Aliás, nem sei se é tão diferente assim, as manifestações também são superestéticas, com aqueles pneus queimando, as concessionárias quebradas. Eu vejo a pixação muito sob este viés vândalo, mas isso tem mudado.

Indisciplinar: Sim, há uma justificativa política como forma de legitimar o pixo, mas o que move ainda é esse tesão, essa energia de que falávamos.

Agora, encerrar 2013 como um grande pixo é muito interessante, sobretudo na perspectiva de Neil Smith²⁶, da gentrificação, na qual se promove a degradação do território para que seu valor caia, e em seguida o capital se aproprie deste mesmo território a preços baixos. De alguma forma, Junho de 2013 fez isso com o Brasil em uma escala enorme.

Comum: Essa comparação é muito pertinente, isso aconteceu. Me lembro de uma noite de manifestação que eu não fui, e que a galera quebrou a Praça Sete inteira. E pelo que contaram a polícia estava parada a dois quarteirões com os giroflex ligados, e não fizeram nada. No dia seguinte vêm as notícias nos jornais e na televisão, sendo que deixaram quebrar tudo, do mesmo jeito que deixam a Aarão Reis toda zoada pra depois chegar com um projeto de entregar pra CUFA²⁷.

Indisciplinar: Comum, há uma chave entre produção de espaço e produção de cultura, que se manifesta de forma ainda mais potente na metrópole, a partir da qual podemos pensar que determinada cultura produz determinadas espacialidades, e que

[26] Neil Smith produziu todo um aparato teórico a fim de explicar o fenômeno da gentrificação. Smith nomeia como rent gap a diferença entre o valor imobiliário corrente de um imóvel, ou conjunto de imóveis, e o valor potencial do mesmo, este hiato financeiro é o alvo de investidores que empreendem os processos de gentrificação. Quanto menor o valor de mercado, ou seja, quanto mais degradado estiver o território, maior o rent gap.

[27] cufa.org.br

[28] Digressão desenvolvida por Paola B. Jaques em *Estética da ginga* (2011) pp. 69-71.

[29] Trailer do filme: [youtube.com/watch?v=sq127r8Bkp-g&t=4s](https://www.youtube.com/watch?v=sq127r8Bkp-g&t=4s)

[Fig. 08] Anti-copa!
Foto Comum.
Fonte: [flickr.com/photos/comum](https://www.flickr.com/photos/comum)

também, espacialidades produzem efeitos na cultura e assim por diante, como você pensa isso com relação ao pixo enquanto manifestação e transformação da paisagem urbana? Têm alguns casos interessantes disso, como o da produção do samba a partir da experiência dos corpos que se esgueiram pelos becos esburacados, curvos e íngremes das favelas – não raro, corpos bêbados –, não como consequência óbvia da espacialidade da favela, mas como manifestação indelevelmente carregada por essa experiência corpórea²⁸. Outro caso muito citado – e não saberia dizer quem é o autor dessa análise – é a comparação das estéticas do pixo de São Paulo e do Rio de Janeiro, a pixação de São Paulo tem uma pegada megalomaniaca, o tag reto, que relê a própria estética dura e ortogonal de São Paulo, e que ao mesmo tempo dialoga com esse corpo que se estica com o extensor para fazer as letras de rolinho, já no Rio o pixo é menor, mais orgânico, mais rápido e tem a ver com a paisagem...

Comum: Isso me lembrou de uma cena de um desses documentários sobre pixo, se não me engano, o *Luz, Câmera e Pixação*²⁹, que me chamou muito a atenção: um cara, no Rio de



Janeiro, faz uma escalada fabulosa, passa por um paredão, se fosse um paulista teria esparrado um pixo gigante, e aí ele vai lá na ponta, numa pedrinha, faz um pixo pequenininho, e vai embora. E é isso, aquela pedra tem 300 anos, e se esse pixo ficar ali 50 anos, pro carioca tá bom demais! Ele pixa pensando em fazer uma relíquia, já o paulista pixa pensando que vai durar cinco anos, e olhe lá. Então, inclusive o tempo daquele território faz a diferença.

Indisciplinar: Sim! De um modo ou de outro o pixo é vivenciado por todos na metrópole, do morador de rua usuário de crack, ao morador de condomínio fechado usuário de helicóptero. O próprio promotor que fez aquela grande perseguição ao pixo aqui em BH é um figura completamente afetado pela pixação, negativamente afetado.

Comum: É, o pixo é essencialmente afetivo.

Indisciplinar: O afeto conjugado é quase sempre negativo, não é verdade? (Risos)

Comum: Sim, o afeto é algo que pensamos muito pouco, é uma palavra muito mal utilizada. E não sei, essa pergunta é difícil, eu nem me considero um pixador, eu pixo, mas não é um modo de vida que eu leve com tanta intensidade. Mas a minha relação com o pixo é muito específica, é diferente da de 99% da população, essa coisa de olhar para as tags e reconhecer: 'olha ali, é fulano de tal', essa teia que criamos é muito rica, mas ao mesmo tempo muito restrita, e temos que reconhecer isso.

Nessa posição de assumir a defesa do pixo, recentemente fizemos aquela articulação daquele vídeo, *Somos tod@s arte de rua*³⁰, e uma das críticas que mais me tirou do lugar foi feita inclusive por um grafiteiro. Ele falou: 'Pô, agora vocês vão fazer videozinho em defesa da pixação? Neguim sai de casa pra pixar,

[30] [youtube.com/watch?v=Gd-TOCNZ-JZM](https://www.youtube.com/watch?v=Gd-TOCNZ-JZM)

sabendo que é ilegal, gosta exatamente porque é ilegal e aí vocês vão fazer videozinho de defesa? Tá tirano, né?'. E realmente, ninguém está nessa de inocente.

Indisciplinar: Aí a conversa volta no midiativismo. Aquele vídeo é uma forma de dialogar com esses 99%.

Comum: Sim, o vídeo teve sua função, mas a crítica realmente me afetou. Todo mundo roda, e se a reação da PM ou da Justiça for desproporcional, azar o seu. O Goma se deu mal, e isso é triste, mas é uma operação que do ponto de vista da pragmática higienista faz todo o sentido, ele se constituiu o maior pixador do Brasil, e se tornou um alvo fácil.

Indisciplinar: Rodar faz parte. Somando todas as idas e vindas, ele ficou um ano preso, e sempre por coisas que ele não fez, o que deixa o caso ainda mais surreal.

Comum: O caso do Goma extrapolou, rodar virou a sina dele. Ele não teve nenhuma pixação em flagrante. Ele só foi pego porque alteraram as regras do jogo para poder pegá-lo.

Indisciplinar: O pixo tem um efeito muito interessante, por ser tão contraditório, arriscado, ilegal, e ainda assim acontecer com tanta intensidade, ele acaba por ridicularizar o normal e o 'bom-gosto'.

Comum: São Paulo deixa isso muito claro, mesmo com a prefeitura higienista do João Doria batendo de frente, a pixação persiste.

Indisciplinar: Uma das conclusões da dissertação, *Pixo e direito à cidade*³¹ foi compreender por que só em Belo Horizonte houve repressões tão fortes, em termos de prisões. Uma das hipóteses foi a da assinatura coletiva. Em São Paulo, os pixadores assinam

[31] Dissertação de mestrado em direito na UFMG do autor Felipe B. F. Soares, *Pixo e direito à cidade* (2016): [issuu.com/felipesoares71/docs/disserta_____o_felipe_soares_-_vers__](https://www.issuu.com/felipesoares71/docs/disserta_____o_felipe_soares_-_vers__)

coletivamente, então quando você vê escrito *Cirpta* ou *Loucuras*, pode saber que tem pelo menos quatro pessoas envolvidas nessa produção, então na hora de incriminar, pra saber quem fez fica complicado. E no Rio de Janeiro é simplesmente ilegível. Enquanto aqui em Belo Horizonte o pixo é individual e caligrafia mais utilizada é legível. Qualquer criança alfabetizada consegue ler Maru na Igrejinha da Pampulha.

Comum: É a iconoclastia de Belo Horizonte, o Goma é completamente iconoclasta, ele quer ser ele, está no Facebook, ele tem uma loja, e ele é um marqueteiro no melhor sentido, e ele promove a marca dele, faz festas, o trabalho dele é admirável...

Punks

Indisciplinar: E tem o movimento punk, do qual você participou, que foi quem começou com tudo isso em BH, a galera do Gato Negro, foram os primeiros a ocuparem o Viaduto de Santa Tereza antes mesmo do Duelo de Mc's, e também iniciaram de alguma forma esse movimento carnavalesco com o Carnaval Revolução³².

Comum: Sim, o Domingo 9 e meia foi quem fez a primeira Praia da Estação.

Indisciplinar: Em termos de visão de espaço e de leitura da rua, os punks estavam à frente.

Comum: Quando eu lembro das pautas que eram levantadas no Carnaval Revolução, no início dos anos 2000, já eram todas essas pautas que hoje estão aí: feminismo, movimento negro, LGBT, direito à cidade, veganismo, mídia livre, grafite, pixação, tudo isso já estava ali de uma forma radical e muito vanguardista. Estão assuntando a possibilidade de fazer um Carnaval Revolução 2018, vamos ver se acontece, o que seria muito bom, pois poderia

[32] [facebook.com/carnavalrevolucao](https://www.facebook.com/carnavalrevolucao)



[Fig. 09] Culundria Armada + Cidadão Comum. Foto: Comum. Fonte: flickr.com/photos/comum

ser uma boa oportunidade de reaglutinar tudo isso que está fragmentado. Depois de 2013, e ainda mais depois do golpe, houve uma grande desarticulação de pautas. A própria APH apresentou a fragilidade de um movimento horizontal diante da incompatibilidade das pautas: 'o movimento LGBT é só pra quem é LGBT, o movimento negro é para os negros'...

Indisciplinar: Isso tem muito a ver com as temporalidades simultâneas dessa política multitudinária, se por um lado tudo surge e se reorganiza com uma velocidade muito grande, as ocupações, as manifestações, as organizações, ao mesmo tempo é muito lento o processo de entender como orientar tudo isso em um sentido comum. E nesse meio tempo de desarticulação, a luta de classes vai perdendo potência...

Comum: É, e faz sentido que seja assim, mas antes éramos capazes de juntar tudo isso em uma potência só, e hoje essa potência unificada se perdeu. Eu lembro de momentos incríveis dos blocos do Carnaval Revolução, esse evento merece uma nova edição, merece um estudo. Esse pessoal tinha um pioneirismo que não tem explicação.

Indisciplinar: Por falar em pioneirismo punk, essa sua sacada de usar esse nome, Comum, é bastante interessante, porque quando você adotou esse nome o debate acadêmico em torno do comum, de Hardt e Negri³³ e outros, ainda não era nem um pouco popular.

Comum: Eu aprendi a fazer stencil justamente no Carnaval Revolução, na época me pareceu uma técnica muito potente, e um dia em casa eu fiz um, em uma chapa de radiografia, era um rosto qualquer, uma fotografia de um homem negro que estava em um calendário, se não me engano era um cubano, tinha ficado bonito, mas era gratuito, e dali veio essa sacada como marca: Cidadão Comum. E o meu trabalho a partir dali começou a girar

entorno disso. E apesar passar a existir no meu trabalho esse personalismo iconoclasta, era a multiplicidade do genérico que me atraía, eu cheguei a fazer um stencil que era: *Cidadão Comum não designa um indivíduo, Cidadão Comum é um signo coletivo*, a ideia a princípio era de que outras pessoas usassem o Cidadão Comum, e rolou, houve trabalhos feitos por outras pessoas próximas a mim que assinaram como Cidadão Comum. Na época tinha o fenômeno Luther Blissett, que era um ícone revolucionário fake criado por anarquistas italianos para ser um 'herói', e todos manifestos anarquistas e pixos passaram a ser assinados por Luther Blissett, que no fim das contas não era ninguém.

Indisciplinar: Muito obrigado, Mano!

[33] Principalmente no livro Bem-estar comum (2016).